Brasil: é honesto, é ladrão ou é tico-tico no fubá?

claudio_tognolli
Claudio Tognolli
12 de outubro de 2015

A onda de corrupção, em que se rouba até mosca de aranha cega e lençol de fantasma, trouxe pelo menos uma armagedonicamente inovadora face à política brasileira. Saiu de cena a velha bipolaridade direita barra esquerda.

Entra a nova bipolaridade, essencial: ou é honesto, ou é corrupto.

Por que a política Dilma 2015 se converteu numa caleidoscopia, num jogo de espelhos quebrados? A resposta é simples: como estão quase todos envolvidos na Lava Jato, a cada dia os políticos se vêm compelidos a mudar de lado. Os intercolutores agora têm cabeça de medusa e rostos de mil faces. Um novo desenho por segundo. Tudo aquilo que é, no minuto seguinte já era (Walter Benjamin notava que a expressão “era uma vez” é sempre a grande prostituta da história…)

A face outra, sempre ao calor da hora, teve outra feição

neste fim de semana, revelada pela coluna Painel: no ultimo sábado um encontro demencial reuniu o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), o líder da bancada do PSDB, Carlos Sampaio (PSDB-SP), e o deputado Rodrigo Maia (DEM-RJ).

Nele, os três combinaram o seguinte roteiro: Cunha rejeitará todos os pedidos de impeachment, menos o apresentado por Hélio Bicudo, que será turbinado com uma manifestação do procurador Júlio Marcelo de Oliveira, que atua junto ao Tribunal de Contas da União, alegando que as chamadas 'pedaladas fiscais' prosseguiram em 2015. Assim, Cunha terá um argumento para dizer que aceitará uma denúncia ancorada em fatos do atual mandato, e não do anterior – o encontro secreto confirma que a nota da oposição, pedindo o afastamento de Cunha, não passa de encenação.

O encontro dá uma chave para a nossa atual condição: ninguém quer investir no Brasil porque não se sabe qual vai ser a cada do país no minuto seguinte. A novidade se enrodilha a cada nanossegundo.

Ou seja: o que era, não é mais: e mais uma vez…

Ninguém quer saber mais se fulano é ou de esquerda ou é de direita: o barato é saber apenas se é honesto ou não.

Aplicaram o velho truque da linguagem para esconder esse cenário.

Bem que o PT tentou levar a frente a mais sacrossanta distorção do silogismo. Premissa maior: o governo do PT é de esquerda. Premissa menor: quem não é de esquerda é de direita. Conclusão: quem se opõe à esquerda (PT) só pode ser de direita…

Os termos "política de direita" e "política de esquerda" foram cunhados na Revolução Francesa (1789–99). Inicialmente, apenas se referiam ao lugar onde políticos se sentavam no parlamento francês. Aqueles sentados à direita da cadeira do presidente parlamentar eram singularmente favoráveis ao Antigo Regime (defesa cega da hierarquia, tradição e clero).

Aqui e agora, interessa aos zeros à esquerda dizer que no Brasil o oposto da esquerda é tão somente a direita furiosa.

Mentira: a maioria oposta à esquerda dita progressista, no Brasil, é composta por conservadores. E eles em sua imensa maioria não são direitistas.

Mesmo os conservadores trazem contradições que chocariam nossas esquerdas: Edmund Burke, bretão pai do conceito de conservadorismo, era dito conservador porque se opunha à Revolução Francesa (mas defendia com unhas e dentes a Revolução Americana, para o arrepio das nossas esquerdas…)

O golpe de satanizar a direita não mais funciona.

Quem se opõem ao PT, ao PMDB, ao PSDB (e ao diabo, enfim e amiúde) é a parcela honesta do país, que graças a Lava Jato não sabe mais com quem está lidando…

Última cartada

A última cartada do PT foi reduzir os ministérios do partido de 13 para 9, e o PMDB manteve as sete pastas recebidas no início do mandato, mas ganhou ministérios com mais peso, como o da Saúde, que tem o maior orçamento do governo.

A saída é racionalmente justificada: a maior irrigação política deste país ainda é do PMDB. Lembrem-se que Quércia foi quem inventou as frentes municipalistas. Elas fizeram do partido o mais forte do Brasil (Luiz Fernando de Souza, o Pezão, o mais novo arauto do municipalismo, vem de uma terra carioca de ninguém, obscuro município de Piraí).

O PMDB aprendeu a resistir a ditadura e a gerenciar o poder depois que ela acabou. Irrigou a democracia dominando nos bairros, nos rincões.

Lembre-se: o PMDB saiu das eleições de 2014 como o maior partido do país em Estados administrados. Dispõe também do maior número de municípios e de parlamentares no Congresso Nacional; emplacou sete governadores, a

maior quantidade entre as nove legendas que elegeram governantes no ano passado. Em 2012, lembre-se também, o PMDB fez o maior número de prefeitos (1.019 ao todo).

O PMDB dominou a superestrutura, a infraestrutura e , agora, a microestrutura.

Mas a Lava Jato ensina que nem PMDB, nem ninguém, dispõe de uma feição barra história que dure mais de 48 horas. A casa tem caído a cada minuto para muita gente.

Quem vai investir num país caleidoscópico que parece o País das Maravilhas, de Alice?

Silvio Santos perguntaria bem: “É honesto, é ladrão ou é tico-tico no fubá ? “